

UM TRABALHO DIACRÔNICO DA ORGANIZAÇÃO DO SABER: DA ENCICLOPÉDIA À WIKIPÉDIA

Catarina Lobo Gonçalves (UFRJ)
catarina.lobo@globocom.com

RESUMO

O presente trabalho está relacionado ao estudo diacrônico da organização do saber no percurso do tempo da pesquisa de Mestrado intitulada: *Do século XVIII ao século XXI: A enciclopédia até os tempos da revolução digital*. O projeto tem por objetivo principal mostrar as diferenças entre a grande enciclopédia de *Dennis Diderot e Jean le Rond d'Alembert* criada no século XVIII – *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences des arts et des métiers* (1751 – 1772) – e a enciclopédia contemporânea no mundo digital, a Wikipédia. Assim, através de estudo comparativo, o desenvolvimento do trabalho se dará na pesquisa das vantagens e possíveis problemáticas de uma enciclopédia on-line aberta à comunidade para a sua construção em conjunto, em contrapartida à utilização de uma enciclopédia construída pelos maiores pensadores do Iluminismo, em livro impresso e, conseqüentemente, parada no tempo. Logo, será apresentada neste texto a primeira fase da pesquisa, *A organização do saber nas bibliotecas*, que foi construída durante o curso de “Línguas em Contato”, ministrada pelos professores Pierre Guisan e João Baptista. A disciplina, com caráter interdisciplinar, forneceu acesso a diferentes olhares e reflexões para o estudo, sobretudo, ao entendimento do armazenamento do saber em diferentes suportes e instâncias. O resultado, portanto, é o conhecimento do desenvolvimento dos suportes de escrita até a chegada do aperfeiçoamento dos tipos móveis por *Gutenberg*, concluindo com a análise de duas das mais conhecidas Bibliotecas: Alexandria e Casa da Sabedoria.

Palavras-chave:

Biblioteca. Enciclopédia. Estudo diacrônico. Organização do saber.

1. Introdução

Com a evolução das mídias, a organização do saber foi se adequando aos meios. Afinal, como procuramos o significado de uma palavra na rede *wiki*? Normalmente, com o desenvolvimento tecnológico avançado nos dias de hoje, procurar o significado de um vocábulo que contenha quase tudo o que lhe diz respeito não é difícil. Na internet não existe uma real importância da organização do saber em ordem alfabética. É comum colocarmos a palavra em questão no site de busca *Google*, em que o leitor é conduzido imediatamente a alguns possíveis links para a resposta. A Wikipédia está sempre entre os primeiros:

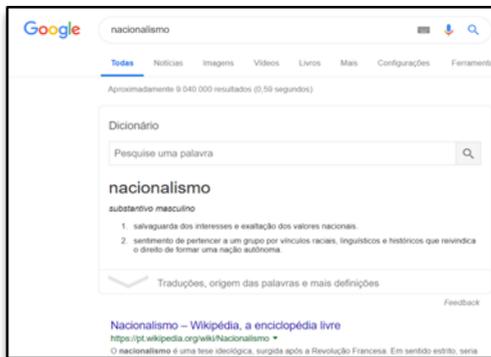


Figura 1 – Busca de significado de palavra na plataforma.

É nítido que esse avanço digital muda significativamente o modo de fazer pesquisa através de busca de diferentes assuntos e/ou palavras. O livro se torna um objeto no qual existe um “trabalho” exaustivo para a procura, ao contrário da internet, que é mais rápida e eficaz. Além disso, o livro impresso, assim como uma tradução de um romance, envelhece no tempo. Dessa maneira, toda e qualquer informação nova deve ser acrescentada a uma nova edição, o que significa mais gastos. Já no meio tecnológico, isso não ocorre.

Contudo, para entendermos a organização do saber até a rede *wiki*, primeiramente, devemos compreender como funcionava a organização das bibliotecas antes da criação da **ordem alfabética**. O presente trabalho é a primeira fase de um estudo diacrônico da reunião do saber. Ao todo são quatro fases: A **primeira**, o estudo da organização da Biblioteca como uma reunião de saberes, a **segunda**, o estudo de enciclopédias nem tão conhecidas, que no momento de seu desenvolvimento não foram pensadas para serem enciclopédias com o significado que temos hoje, a **terceira** que consiste no estudo da *Encyclopédie de Diderot e D’Alembert* e, por fim, a **quarta**, com o estudo do funcionamento da *Wikipédia*. Neste capítulo, **abordaremos A organização do saber nas bibliotecas**.

Para falarmos de biblioteca não podemos começar pela criação do *livro* imediatamente. Afinal, temos um histórico de suportes em desenvolvimento antes da criação do *códex* e do livro depois da criação da imprensa. Primeiramente, devemos nos perguntar: *como funcionava a organização das antigas bibliotecas?* Para responder a essa pergunta, preci-

samos entender a organização da língua enquanto escrita. Por isso, devemos ter em mente que **ambos os conceitos são diferentes**.

2. *Antiguidade: a escrita antes da ordem alfabética*

Antes da criação da ordem alfabética, a escrita era utilizada como código de leitura. Segundo Pozzer (1998/1999), o homem praticava a escrita para fins de contabilidade, ou seja, para a administração de bens. Não existia um real interesse da escrita na literatura, que era oral. À vista disso, existe a necessidade de diferenciar a *oratura deescritura*.

A **escrita hieróglifa** foi uma das pioneiras para o desenvolvimento da ordem alfabética. Em forma de símbolos, era utilizada apenas pela parte da população egípcia que possuía poder, como escribas, sacerdotes e membros da realeza. Com o tempo, a partir dela, desenvolveram-se a escrita **hierática** e **demótica**. A primeira sendo utilizada para **escrita religiosa, “pesada” e de difícil acesso**. A segunda acompanhava a **língua falada**.

A **pedra** foi um dos primeiros suportes a serem utilizados para a escrita hieróglifa. Devemos lembrar que este suporte era utilizado para documentos fixos, como monumentos. A escrita para fins realmente necessários, ou seja, administrativos, era realizada em suportes como o **papiro** e o **pergaminho**, os quais discutiremos mais à diante. Um exemplo disso é a pedra Roseta, que consistia no decreto do faraó **Ptolomeu V** em 198 a.C. Foi o primeiro texto bilíngue a ser conhecido – versão hieróglifa – símbolos, demótica – escrita popular de origem fenícia e grega – língua de Alexandria, descoberta por homens que respondiam a Napoleão, em uma de suas jornadas:



Figura 2 – Pedra Roseta.

Com o passar do tempo, os suportes foram sendo desenvolvidos junto ao desenvolvimento de escritura e suas necessidades. A escrita conhecida como cuneiforme foi muito utilizada em **tabuletas feitas de argila**. Essas eram colocadas em forno para derreterem o suficiente a ponto de serem marcadas com o instrumento de cunha para, por fim, secarem. Pozzer indica que a escrita cuneiforme foi utilizada em sua grande parte por escribas na região da antiga Baixa Mesopotâmia – atual Síria e regiões – por ser trabalhosa e, como consequência disso, levar muito tempo para seu aprendizado. Além de que o saber sempre foi vinculado à parte com poder dentro do sistema político à época.

2.1. Outros suportes: Papiro e Pergaminho

Como pudemos observar no item anterior deste trabalho, o **papiro** e o **pergaminho** foram suportes essenciais para escrita mesmo antes da ordem alfabética. O papiro, sucessor das tabuletas, foi originado de uma planta que existia à beira do rio Nilo, a *Cyperus papiro*, em que era extraído de seu caule fibras para a produção do material e foi usado por povos da Antiguidade.

Ter posse de um material como o papiro, significava ter o monopólio do saber, afinal, era até então o único suporte utilizado para a escrita administrativa e para os estudos conservados em *volumén* nas bibliotecas. Devido a isso, os egípcios proibiram sua exportação, o que fez com que os outros povos criassem um outro material pela necessidade de um suporte para a escrita, o pergaminho. Esse segundo material, ao contrário do papiro, era mais resistente, pois é oriundo de pele de carneiras ou ovelhas jovens. O pergaminho também era conservado em *volumén*, que são rolos que podem ter diferentes tamanhos e escritos em apenas um lado.



Figura 3 – Suporte papiro.



Figura 4 – Suporte Pergaminho.

A escrita no reto e no verso mudou a forma como o suporte era visto, pois existia a dificuldade cada vez maior de encontrar e/ou manusear o *volumén* para leituras em que se via a necessidade de procurar uma informação específica. Sendo assim, foi necessário criar um novo método para a sua utilização, o *códex*, que ainda não é a versão de livro como conhecemos atualmente: eram partes de pergaminho cortadas em partes menores para que o manuseio do material fosse mais rápido. Contudo, o *volumén* continuou sendo usado durante alguns séculos. Sua utilização ficou escassa com a chegada da imprensa.

O livro foi tomando seu formato atual no ocidente quando foi inventado o **papel** na China. Ao que tudo indica, os chineses já fabricavam o suporte antes do conhecimento do material pela parte ocidental. O papel, papyrus em latim, inicialmente em nada se assemelhava com seu antecessor em relação à sua produção: trapos de tecido de seda usados eram aproveitados para a sua fabricação. A criação através de celulose veio depois. Sua introdução no mundo ocidental se deu através de prisioneiros chineses trazidos para a Ásia Central. Lá, introduziram a indústria do papel que foi encaminhando-se para o ocidente com as atividades comerciais do mundo cristão. Devido a isso, sua caminhada começou em Bagdá, depois na África, abrindo as portas para a Espanha e continuando seu percurso pela Europa.

No entanto, a sua revolução só ocorreu com o aperfeiçoamento da tipografia, por *Johannes Gutenberg* (1398 – 1468). *Gutenberg* aperfeiçoou os tipos móveis com placas de chumbo e antimônio. Antes de sua criação, os livros eram feitos com placas de madeira, o que dificultava a produção. Após a criação dos tipos móveis, a imprensa evoluiu e a quantidade de livros impressos também, uma vez que entre os séculos XV–XIX houve uma demanda grande de livros por conta da criação de universidades. Por isso, a partir do século XVIII, séculos mais tarde à sua criação, foi feita uma adaptação à fabricação de jornais tornando mais fácil a fabricação de livros. Um documentário da BBC News¹⁰⁸ feito em 2008 sobre a “nova tecnologia” de *Gutemberg* mostra como o trabalho era realizado com uma réplica da máquina.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mxBXAsbKdWY>

3. O alfabeto fenício e sua herança

Os **Fenícios** têm um papel importante para a escrita, pois foram eles que desenvolveram o que antes estava em forma de símbolos hieroglíficos para uma versão que seria a base para o alfabeto latino posteriormente. Os **Egípcios** formaram um alfabeto consonantal de 26 símbolos e os Fenícios aprofundaram-se em seu desenvolvimento por motivos práticos: o **comércio**.

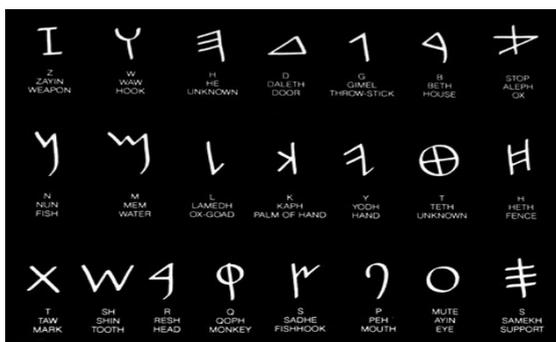


Figura 5 – Alfabeto Fenício.

Em seguida, os **Gregos** desenvolveram seu alfabeto a partir do alfabeto Fenício, inserindo seus nomes. Por exemplo, o alfa [A], originou-se da palavra fenícia *Aleph*, que significa **boi**. Outro exemplo é o beta [B], segunda letra do alfabeto grego, que significa *Beth* em fenício, que quer dizer **casa**.



Figura 6 – Alfabeto grego.

A ordem alfabética é importante para este trabalho no sentido de estudarmos a **organização do saber** antes e depois da mesma. A **forma** de organização mudacom os anos e com o desenvolvimento tecnológica, seja pela tecnologia aperfeiçoada de *Gutemberg*, seja pela inteligência digital do século XXI.

4. *Organização do saber nas Bibliotecas:*

A Biblioteca de Alexandria e a Casa da Sabedoria

Para se entender a organização de um livro, vimos que é necessário o entendimento da evolução dos suportes na história. Contudo, não podemos esquecer, que além do papiro, pergaminho, códex ou livro, temos de antemão um grande repositório do saber: **a biblioteca**. Foram escolhidas as que mais tiveram destaque na história, em tempos diferentes: **A Biblioteca de Alexandria e a Casa da Sabedoria**. Entenderemos suas criações, organizações e o porquê de terem sido importantes para o armazenamento do saber e a história da tradução.

4.1. *A Biblioteca de Alexandria*

Alexandre Magno fundou **cidade de Alexandria** em 331 a.C, à Oeste do delta no Nilo, tornando-se a capital do Egito. Com as suas conquistas, implantava nos territórios um tipo de criação iluminista cultura; em que a língua e culturas gregas eram impostas aos povos (DIAS, 2011). Após a sua morte, o general **Ptolomeu Sóter** ficou em seu lugar, e incentivou a criação da grande biblioteca (séc. III a.C). Sua localização era de prestígio, estava no Palácio Real, no bairro de *Bruchion*, onde também se encontrava o túmulo de Alexandre Magno e o Museu.



Figura 7 – Cidade de Alexandria.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O objetivo do **Estado** com a criação de uma biblioteca era de reter todo o saber existente, ou seja, sua função de acumular todos os escritos da Terra, presentes ou passados, gregos ou bárbaros. Ao que se sabe, a Biblioteca de Alexandria é um projeto bem-sucedido da ideia aristotélica. Aristóteles teria sido o primeiro a reunir uma coleção de livros e ensinar aos reis do Egito a maneira de organizar (*suntaxin*) uma biblioteca. Portanto, a Biblioteca de Alexandria foi pensada para ser um lugar em que uma comunidade de intelectuais encontra instrumentos de trabalho em domínios diversos: poética, ciências, matemática, física, filosofia, entre outros.

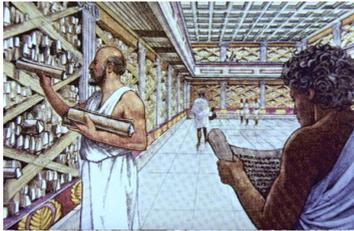


Figura 8 – Acumulação do saber na biblioteca.

Reter o saber de todos os povos queria dizer também ter poder político sobre eles. Afirmar-se soberana com a primazia da **língua** e da **cultura gregas** era de suma importância. Por isso, a memória escrita servia como ganho de rivalidade das potências mediterrâneas: **era uma herança para apoderar-se de outras culturas**. Com isso, o ganho era da família real, pois com a quantidade de acúmulo do saber, a Biblioteca de Alexandria tornou-se uma etapa “obrigatória” para eruditos e intelectuais., já que havia se tornado **o pólo intelectual mais importante do mundo**.



Figura 9 – Ilustração Biblioteca como Pólo intelectual.

4.1.1. O papel da tradução na Biblioteca de Alexandria

Com o objetivo da total conquista da acumulação do saber, o papel da tradução aqui não seria diferente. A ideia de traduzir, portanto, era a de apropriação de todos os traços escritos por todos os povos e em todas as línguas, já que o interesse do rei era de obter a sabedoria da língua estrangeira. À vista disso, Ptolomeu Sóter e seu filho Filadelfo comandaram traduções do **grego torá** para o **grego koiné**. Foi então através do mandato do rei, a **carta de Aristeu**, que se iniciou a reunião íntegra de todas as obras aparecidas no mundo inteiro.

É nesta carta que também aparece a ordem de tradução da **septuaginta, bíblia hebraica**, que foi traduzida **do hebraico para o grego**. A ideia era de aumentar a coleção de obras de Alexandria com o conhecimento do povo hebreu. Desse modo, foram escolhidos setenta e dois tradutores para traduzi-la em setenta e dois dias.

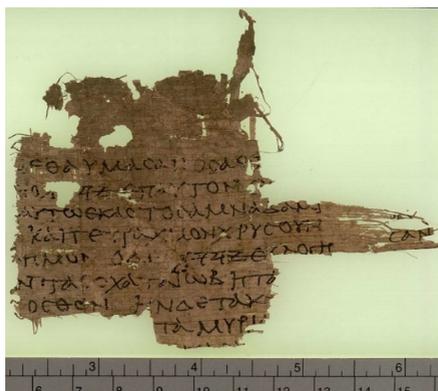


Figura 10 – Papiro LXX Oxyrhynchus 3522, um fragmento da septuaginta.

Normalmente, havia um modo um tanto nebuloso de adquirir obras através de cópias. Segundo Baratin e Jacob (2000), os livros que chegavam a bordo no porto de Alexandria eram confiscados para que os escribas locais pudessem copiá-los. Entregava-se a cópia ao proprietário e o original ficava na biblioteca de Alexandria. O que os interessava era ficar com as obras originais e não com as cópias, pois assim detinham o saber do outro. Desta maneira, evitavam *voluméns* com erros de grafia ou omissões/cortes. Após isso, poderiam ser traduzidos. Essa constituição do saber, portanto, era, o que dissemos no tópico anterior, o projeto enciclopédico aristotélico de organização de biblioteca.

4.1.2. A organização

Como pudemos observar nas seções 2e e 2.1, na antiguidade o códex ainda não havia sido criado, dessa forma, falaremos aqui somente da organização em *volumén*. Os textos em papiro são copiados por escribas e etiquetados com os nomes dos antigos proprietários, o nome do revisor e do editor. Esses rolos, no tempo de *Calímaco* – bibliotecário, gramático e mitógrafo grego – e de *Erastótenes* – bibliotecário, gramático, matemático e poeta grego – a biblioteca continha cerca de 500 mil rolos.

Para organização das obras eram utilizadas as chamadas *tábuas*. Elas eram listas bibliográficas recortadas em temas (rubricas), por exemplo, epopeia, retórica, filósofos, historiados, entre outros, organizados em diferentes armarias (BARATIN; JACOB, 2000). No interior de cada rubrica, os autores são enumerados em ordem alfabética.

Isto posto, as tábuas comportavam a seguinte organização: o número de linhas e seu *incipit*, que era usado para identificação de um mesmo conteúdo em outro rolo. Assim, o leitor não se perderia. Pode-se supor ainda que os rolos tinham pequenas etiquetas coladas no dorso e sobressaindo na prateleira para identificação do autor e do título do livro. Era assim que a organização era realizada para constituição e uso da memória pelos estudiosos.

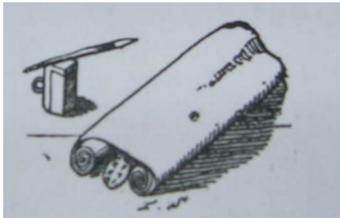


Figura 11 – Identificação no dorso do papiro: Imagem de Dictionnaires des antiquités grecs romaines.

4.2. A casa da sabedoria: *Bayt al-hikma* (VII–XII d.C)

O Islã medieval é o olimpo de bibliotecas. Elas eram criadas por inclinação do monarca e, inicialmente, eram enriquecidas por relações diplomáticas. Com o passar do tempo começou a existir a preponderância da caligrafia, a ciência da encadernação e do papel, e, mais tarde, eram constituídas por sistema de doação. **Tão importante quanto a Bibliote-**

ca de Alexandria, o objetivo da casa sabedoria era a transmissão e criação do saber.

Em árabe *Bayt*=casa, *hikma*=sabedoria, a Casa da Sabedoria foi a instituição onde ocorriam as traduções. Ela tinha como objetivo resgatar obras, ou seja, obras eram traduzidas para o árabe, o que chamamos de *Thanslation Studiorum*, traduções de obras gregas para o árabe. Foi fundada no fim do século VII, em Bagdá, no palácio de Khadra, pelo primeiro califa omíada e desenvolvida por seu descendente *Khalid ibn Yazid ibn Mu'awiya*. *Khalid* consagrou seu tempo em traduzir textos gregos e juntou um patrimônio rico em ciência médica.

A biblioteca se desenvolvia com o decorrer dos califados. O Segundo califa *al-Mansur* deu novo impulso ao crescimento das coleções de livros a partir de traduções de obras científicas herdadas da Antiguidade. *Al-Mahdi* encorajou a redação de novos tratados em árabe, junto ao quinto califa abássida *Harun al-Rashid*, as bibliotecas de cidades conquistadas foram levadas aos ateliês de tradução e de cópia da nova casa da sabedoria.

Como foi dito anteriormente, a biblioteca foi constituída, dentre algumas formas, de trocas. Devido a isso, presentes eram oferecidos aos imperadores de bizâncio e outros soberanos em troca de livros; era a “biblioteca popular onde reinava a Liberdade de expressão” e com isso tornou-se o centro da tradução.

As informações sobre a sua organização são um pouco escassas. Segundo Polastron, a divisão era por categorias: línguas, línguas gregas, entre outros, e temas: física, química, matemática, etc. Aqui, não falamos só em *voluméns*, mas também em *códex*. Livros eram empilhados em pequenas pirâmides em largura decrescente:



Figura 12 – Ilustração Casa da Sabedoria.

5. Conclusão

Pudemos observar com o presente trabalho que o estudo da organização do saber desde a Antiguidade é de suma importância para o entendimento do que será estudado posteriormente, **a organização em tela plana**. Sem termos o entendimento da evolução dos suportes desde o **papiro** até o **papel**, não compreenderíamos como chegamos a uma obra como a organização da *Wikipédia*, enciclopédia em suporte digital, por exemplo.

Vimos também que a **diferenciação da escrita e fala** é algo a ser considerado na medida em que existiram diferentes usos para ambos, mas principalmente para a escrita, que era restrito, como para fins administrativos. Além disso, este trabalho contribui no conhecimento de duas célebres bibliotecas vistas como casas enciclopédicas **Alexandria** e **Casa da Sabedoria**, em que o acúmulo do saber era extremamente importante para o poder político e social. Sem conhecer as suas organizações, não conseguiremos chegar ao objetivo do projeto de pesquisa do qual este trabalho faz parte, que é a desmitificação do modo pejorativo como a *Wikipédia* é vista ainda nos dias de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARATIN, Marc. JACOB, Christian. 2000. *O poder das Bibliotecas*. Editora UFRJ.

BECQ, Annie. *L'Encyclopédie: le choix de l'ordre alphabétique*. (1995). Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rde_0769-0886_1995_num_18_1_1467. Acessado em: 26 de maio de 2019.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. Disponível em: <http://classes.bnf.fr/dossiecr/chr-ecri.htm#egypte>. Acessado em: 26 de maio de 2019.

DESBOEUF, Marie-Alix. *Papyrus et parchemin dans l'Antiquité gréco-romaine*. (2007) Mémoire de Master 2. Université Pierre Mendès France – Grenoble II UFR Sciences Humaines. Paris.

DIAS, Geraldo Coelho. *Biblioteca de Alexandria: O Helenismo e a dinâmica cultural dos judeus*. (2011) Humanitas (2011, 217-223).

POLASTRON, Lucien X. *Livros em Chamas*. José Olympio, 2013.

POZZER, Katia Maria Paim. *Escritas e escribas: o cuneiforme no oriente médio*. Clássica, 1998/1999.

Sistemas de escrita – O alfabeto dos Fenícios. Disponível em: <http://www.tipografos.net/escrita/letra-fenicios-1.html>. Acessado em: 20 de abril de 2019.